

columnas

[JOÃO BRAGA]

Professor e estilista. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros *História da moda: uma narrativa e Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV, publicados pela Anhembi Morumbi, e coordenador da Coleção Saberes da Moda pela mesma editora.

10 X 10 dez nomes em dez décadas

Trata-se do número 10 de *dObras[s]*. Para comemorar, resolvi abarcar as dez décadas do século XX, escolhendo não só uma identidade da moda que marcou cada um desses decênios, mas também um determinado nome da moda internacional que tenha sido expressivo em cada intervalo do tempo respectivo. Vale ressaltar que nomes e conceitos aqui omitidos não o foram nem por esquecimento muito menos por menor importância de representatividade. São simples escolhas, determinadas de acordo com o grau de transgressão, inovação e definição de novos valores, principalmente conceituais e estéticos, para cada um dos dez decênios do último século. São escolhas pessoais, não que eu seja um legitimador de modos e moda, mas, como estudioso, me dou esse direito de predileção.

[10]

La Belle Époque: o último suspiro do grande luxo

Her-

dando todo o dinheiro advindo do processo da Revolução Industrial do século XIX, o período da *Belle Époque*, sem dúvida, foi de muito refinamento e sofisticação. A Grande Guerra colocou fim a tanto fausto e opulência. No entanto, enquanto durou, marcou inúmeras áreas da cultura material e, na moda, houve a valorização de uma silhueta feminina curvilínea como eco à estética do *Art Nouveau* – detalhes de artesanaria na elaboração das peças e excessos visuais na decoração das roupas.

Jacques Doucet (1853–1929) deu continuidade à dinastia da família.

Seu avô Antoine Doucet fundou, em 1816, uma casa de lingerie, na qual Jacques trabalhou a partir de 1875, fazendo algumas inovações além de lingerie e camisas, introduziu, em parceria com sua mãe, vestidos sofisticados que se tornaram o desejo feminino na *Belle Époque*. Sofisticado ao extremo, colecionador de obras de arte, de livros e de móveis de estilo, ele não se considerava um costureiro, porém, marcou época como principal nome da moda francesa e, por extensão, internacional na virada do século XIX para o século XX.





Anos 1910: encurtamento e afrouxamento

Com a insurreição da Grande Guerra (1914-1918), o mundo mudou. Estando os homens no campo de batalha, as mulheres tiveram que arregaçar as mangas e ir para o mercado de trabalho, libertando-se finalmente dos espartilhos e encurtando as saias na altura das canelas. Começa aí um processo de emancipação feminina que parecia não ter fim durante o restante da centúria. As mulheres perceberam, então, que poderiam ser autônomas, e o contexto histórico do mundo ocidental transformou-se de tal maneira, em todos os aspectos, que a moda não ficou de fora. Para adaptarem-se aos tempos, as mulheres transgrediram em modos e, por extensão, na moda.

Coube ao francês Paul Poiret (1879-1944) acreditar em suas perspectivas para ver que aquilo que ele havia proposto ainda na *Belle Époque* iria se consolidar como identidade de moda da década de 1910. Talentoso, arrogante e visionário, instituiu modificações significativas na moda feminina. Em 1906, ele já havia liberado a mulher das amarras do espartilho lançando a cintura alta para os vestidos. Consagrado na moda, durante a década de 1910, foi pioneiro em associar o perfume a uma casa de costura; criou uma escola para preservar técnicas artesanais para a moda; lançou propostas orientalizantes para as roupas femininas, inclusive a calça comprida "odalisca", e entrou definitivamente para a História da Moda.

[11]

Anos 1920: praticidade e funcionalidade

Eis um novo momento na história do comportamento feminino. Emancipada, a mulher quis verdadeiramente se libertar das amarras masculinas e, portanto, mudou sua postura. Aderiu ao trabalho, encurtou as saias na altura dos joelhos, cortou os cabelos, usou roupas de banho mais ousadas e no final da década chegou até mesmo a bronzear a pele. Sinal dos tempos mostrando ao mundo uma independência tal que anteriormente nunca se poderia imaginar. Na realidade, não só a mulher mudou, mas o mundo, indiscutivelmente, após o término da Grande Guerra, ganhou nova identidade.

Não há dúvida que o grande retrato da moda dessa década é o nome de Gabrielle Coco Chanel (1883-1971). Esta francesa, desde a *Belle Époque*, trabalhava com moda, entretanto, em virtude de seu pungente processo de amadurecimento e dos percalços que a vida traz, ela soube mudar a realidade da moda feminina ao introduzir nesse universo algumas premissas do universo vestível masculino. Baseando-se em tais fundamentos, trouxe, sobretudo, roupas mais práticas e funcionais, sugerindo até mesmo a calça comprida pantalona, em 1926, para mulheres. Era o ar de um tempo que, mais do que trilhar nesse caminho, Chanel de fato definiu o percurso a ser seguido.





Anos 1930: sonho e realidade

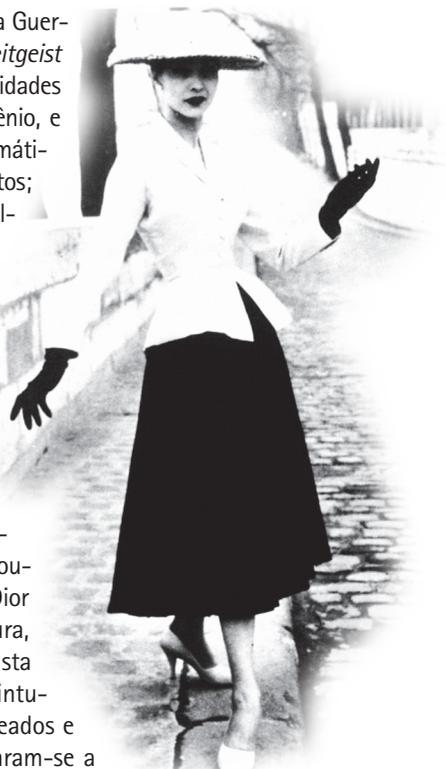
Década espremida entre duas grandes crises econômicas: a queda da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Naquele momento, a realidade foi associada ao sonho difundido pelo cinema norte-americano que propagava um cenário refinado. Daí a moda sugeriu um mundo onírico, no qual vestidos longos de seda ou cetim em corte evasê ou godê cobriam os corpos das divas platinadas do cinema favorecendo o sonho feminino ao redor do planeta. Tudo parecia formidável; no entanto, não era bem assim. Nesse decênio os acessórios foram de suma importância para transformarem as dificuldades em visuais aparentemente requintados.

Uma profissional que marcou época foi a francesa Madeleine Vionnet (1876-1975). Atuante na moda desde o princípio do século XX, a criadora viu seu trabalho assimilado e consagrado durante os anos 1930 quando, mesmo com situação econômica questionável, o corte em viés, que gasta mais tecido, passou a ser uma identidade da moda feminina de então. Corte enviesado e técnica do *moulage*, valores sugeridos por Vionnet, tornaram-se, de uma maneira mais elaborada ou mais simplificada, verdadeira moda.

Anos 1940: a reinvenção da feminilidade

A década começa em pleno percurso da Segunda Guerra Mundial, fato que influenciou e transformou o *zeitgeist* (espírito dos tempos) ocidental. Angústias e necessidades fizeram-se presentes nessa primeira metade do decênio, e a moda precisou se adaptar às circunstâncias problemáticas. Nada de grandes gastos em tecidos e complementos; tudo passa a ser austero, e a moda feminina é totalmente influenciada pela estética masculina – roupas esmirradas, poucos enfeites e tecidos de cores escuras. Enquanto durou o conflito bélico, a moda apresentou-se com tais premissas, além de sapatos pesados, turbantes cobrindo cabelos e aproveitamento das sobras de tecido.

Terminada a Guerra em 1945, as coisas começaram a mudar, e coube ao francês Christian Dior (1905-1957) a grande transformação na moda ao resgatar os aspectos de feminilidade para as roupas das mulheres. Modelista competente, Dior lançou sua primeira coleção de alta-costura, denominada de *New Look* pela jornalista Carmel Snow, em fevereiro de 1947. Cintura marcada, saia rodada, ombros delineados e sapato de bico fino e salto alto tornaram-se a identidade de então, que se estendeu para a década seguinte como grande moda.



Anos 1950: glamour, luxo e sofisticação

De fato são novos tempos. O fim da guerra em meados da década anterior já ia longe e, agora, com as economias restabelecidas, o mundo passava a uma realidade animadora que sustentava maiores desenvolvimentos. Os Estados Unidos começaram a se projetar culturalmente e também se impuseram em determinados aspectos de industrialização e modernização que iriam influenciar o restante do mundo. A moda teve no setor da alta-



-costura a grande difusora de valores estéticos baseados em glamour, luxo e sofisticação. Tudo parecia um sonho sem fim nesse período denominado de "Anos Dourados", baseado em extremos refinamento e bom gosto.

Coube ao espanhol, radicado em Paris, Cristóbal Balenciaga (1895-1972), assumir o posto de principal nome já existente na alta-costura. A crítica e até mesmo os concorrentes eram unânimes em admitir tamanho domínio técnico, criatividade e tino comercial. Balenciaga fez da década de 1950, obviamente que não sozinho, mas com outros costureiros, um período marcado por extrema suntuosidade.

Anos 1960: da antimoda à moda jovem

Período marcado por extremas mudanças de maneira geral. A Guerra Fria culmina com a Guerra do Vietnã e com a conquista espacial travada entre as duas potências de então: EUA e URSS. O *baby-boomer*, filho do pós-Segunda Guerra, agora crescido, torna-se o jovem que, insatisfeito com a situação de novos conflitos bélicos, fundamenta conceitos pacifistas e radicaliza ao promover uma nova moda de denúncia social: trata-se do hippie de então. Era o começo da moda de novas ideias associadas à transgressão – à época chamada de "antimoda" que, posteriormente, se firmou como "moda jovem". O comportamento jovem começa a se impor em detrimento dos valores estabelecidos dos adultos.

A moda, sempre reflexo do seu tempo, ganhou nas mãos do francês André Courrèges (1923-) uma importância tal que este se tornou retrato fiel de seu próprio tempo. A "bomba Courrèges", como foi chamada a reforma da estética feminina introduzida na moda pelo lançamento da minissaia e do minivestido em suas coleções de alta-costura, a partir de 1961 até 1965, foi sucesso total! E como se não bastasse, também lançou a proposta da calça comprida para as mulheres, quaisquer que fossem as circunstâncias. Grande aceitação!

Anos 1970: viva o unissex

Os tempos verdadeiramente são outros. O comportamento jovem se impõe e a década traz como identidade geral muita descontração e contravenção. "É proibido proibir", clamam aqueles que, em investidas sociopolíticas, definem posturas de "paz e amor"; "faça amor, não faça guerra" e "o poder da flor". Ângela Davis, em 1971, lançou a moda do penteado *black power* e, de maneira geral, cabelos volumosos, longos e despenteados passam a ser sinônimo de ideologias pacifistas e imposição da postura jovem. Todos juntos lutando pelos mesmos ideais. A década anterior fez surgir a moda unissex, que se tornou a grande moda nos anos 1970.

O jovem argelino Yves Henry Donat Mathieu Saint Laurent, radicado em Paris, passou a ser a principal figura da moda da segunda metade do século XX. Assistente de Dior, assumiu a Maison com a morte do mestre, em 1957, e lá fez sucesso, ainda em 1958, com a "linha trapézio". Abriu casa própria, com o sócio Pierre Bergé, em 1961, e tornou-se uma das figuras mais emblemáticas da moda ocidental. Além de lançar e difundir inúmeras novidades, foi precursor, dentro dos valores do unissex, ao propor o smoking para o universo feminino.





Anos 1980: o minimalismo é o máximo

Depois de tanta contestação e descontração na década anterior, os anos 1980 resgataram o rigor e a austeridade. Novos valores para novos tempos. Parece que o decênio foi uma boa chacoalhada em diversos aspectos, principalmente na segunda metade, pós-acidente nuclear de Chernobyl, associado às novas e incipientes tecnologias da informação e ao fim do comunismo, com a metáfora da globalização, com a Queda do Muro de Berlim, em 1989, e a reunificação das Alemanhas, em 1990. No campo da moda, a mulher assumiu uma postura de masculinização em *tailleurs* com ombreiras, além dos coturnos nos pés. A diversidade da moda era tão real que não existia mais uma única verdade, e sim várias verdades fashion, especialmente difundidas pelas tribos urbanas de moda, com ideologias e identidades estéticas distintas.

Os japoneses, desde Kenzo no final dos anos 1960, invadiram a França, e a bola da vez eram os valores do minimalismo, já praticados na música, na arquitetura, nas artes plásticas e no design. O slogan de Mies van der Rohe "less is more" (menos é mais) era a grande premissa. Issey Miyake (não esquecendo de Yamamoto e Kawakubo) cumpriu na moda a função de difundir purismos e simplificações, apesar da sofisticação, através de formas sobrepostas, tecidos de alta performance tecnológica e cores escuras combinadas entre si, denominadas de "pretos coloridos". Trata-se do minimalismo na moda obtido com a limpeza visual e a ausência de ornamentos.

Anos 1990: desconstruir para reconstruir

[14] Era chegada o fim do século, que além de ser também fim de década era, especialmente, o fim do milênio. Questionamentos, medos e inseguranças pairavam no ar. Parece que a ordem (ou desordem) do período estava presente em palavras como mix, hibridismo, releitura, multiculturalidade e outras correlatas. A falta de identidade passou a ser a própria identidade dos anos 1990. Esteticamente falando, nada parece ser puro, e sim referente a algo já existente, porém, com novas leituras e simbologia, ressignificando elementos, épocas e culturas. A apropriação de diversos valores e códigos ganhou caras novas, e misturar era a ordem do período.

Essa moda da releitura ganhou nova dimensão nas mãos de vários estilistas. Liderados pelo belga Martin Margiela (1957-), houve também as propostas baseadas no conceito do desconstrutivismo. Desconstruir para reconstruir uma nova dimensão, uma nova identidade, uma nova proposta. Não significa que seja cópia do passado, pois este não se repete, uma vez que os tempos sempre são outros, mas um redimensionamento fundamentado em premissas já existentes por meio de misturas para gerar algo novo, ou pelo menos uma novidade, por intermédio também de novas tecnologias na área têxtil. Eis o ar dos tempos *fin de siècle*.



Fontes das imagens

Atriz Carol McComas; Poiret; Coco Chanel; Dior; Balenciaga; Courrèges; Saint Laurent; Issey Miyake.

WORSLEY, Harriet. *Décadas de moda*. Barcelona: Könemann/Getty Images, 2004, p. 9; 57; 156; 414; 444; 555; 628; 700.

Vestido de Vionnet; Margiela.

BREWARD, Christopher. *Fashion*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 22; 79.